

António M. Feijó, João R. Figueiredo, Miguel Tamen,
orgs. 2020. *O Cânone*.

**V. N. Famalicão/Lisboa: Fundação Cupertino
de Miranda/Tinta-da-China.**

Mais do que num objetivo de chegar a uma lista de autores canónicos, esta publicação deve enquadrar-se na série de iniciativas de António M. Feijó e Miguel Tamen promotoras das humanidades e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nesse rol de intervenções civis, cujo ponto de partida terá sido o Programa em Teoria da Literatura, figuram a licenciatura em Estudos Gerais, o livro *A Universidade como deve ser*,¹ o advento da Imprensa da Universidade de Lisboa, contributos diversos através de instituições fora da universidade, ensaios em jornais;² enfim, a colaboração na Torre Literária, na Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão, colateral da obra, ou os cursos via Zoom em parcerias com privados. Esta demanda de que se discuta a literatura sem reverências e de abrir as letras a mais interessados tem dado resultados. Quanto ao *Cânone*, constitui uma bela maneira de nos fazer querer ler, ora porque revela com originalidade o que desconhecíamos ou não víamos do mesmo modo, ora até para verificarmos se podemos desagrar quem julgemos beliscado.

Como os organizadores foram dizendo nas apresentações online, o foco não era a seleção de escritores, antes acolher perspectivas interessantes sobre cada um. No fundo, a haver avaliação de um elenco, teríamos de incidir no mérito do dos ensaístas e não no da lista de escritores tratados. Por isso, centrar-me-ei nos autores dos artigos, descartando juízos sobre cânones, aliás já discutidos em notícias, sessões públicas e recensões anteriores a esta.³

Distinguirei três tipos de ensaístas. O primeiro reúne os que atraem pela escrita, cujos artigos seguimos com gosto pelo estilo inteligente mais do que pelos argumentos acerca do escritor de que se ocupam um pouco marginalmente. Tem este tipo os melhores exemplos no Abel Barros Batista do artigo sobre Camilo Castelo Branco e em quase todos os capítulos que Miguel Tamen subscreve (António Nobre, Bocage, Raul Brandão, Eça, Fernão Mendes Pinto, Cesariny, Gomes Leal, João de Deus); também Nuno Amado (Pessoa 2) pertenceria a este primeiro perfil.

Caberiam aqui igualmente ensaístas que tentaram escrever com a desenvoltura que descrevi mas que não são Miguel Tamen, o que fez sentirmos demasiado a presença do ensaísta e faltar um mínimo justo do escritor que servia de tópico.

No segundo tipo ficam aqueles cujos artigos admiramos por conseguirem definir argumentada e seletivamente em que pode assentar uma interpretação do escritor em causa. Destaco Pedro Mexia (Agustina), António M. Feijó (Pessoa 1, Régio, Saramago, Torga, Ruben A., Ruy Belo, Pascoaes), Abel Barros Baptista (em Júlio Dinis), João Dionísio (Fernão Lopes, Dom Duarte), Gustavo Rubim (Cesário Verde, Pessanha), Fernando Cabral Martins (Almada, Mário de Sá-Carneiro), Joana Meirim (O'Neill, Três Marias, podendo o artigo sobre Sena, assente sobre o que o obsidiava, incluir-se na categoria anterior), Hélio S. J. Alves (em Camões 2), João R. Figueiredo (em Sá de Miranda). Este segundo perfil calhará ainda a colaboradores que não elegem tão bem os argumentos convincentes (isto é, que me convencessem a mim) – é o caso do artigo de Cláudia Pazos Alonso, demasiado focado nos constrangimentos da autoria feminina, o que esbate a importância de Irene Lisboa; já Anna M. Klobucka, aludindo de passagem a questões identitárias, dá-nos um quadro pertinente da receção de Florbela Espanca.

Um terceiro tipo de colaborações reuniria quem, arrumada e altruisticamente, elaborou síntese abrangente e conhecedora. Os exemplos perfeitos são os dois textos de Isabel Almeida (Vieira, Gil Vicente); mas também José Carlos Seabra Pereira (Aquilino), Isabel Cristina Rodrigues (Maria Judite de Carvalho), Joana Matos Frias (Carlos de Oliveira, próximo do perfil dois, e Fiana), Maria Sequeira Mendes (António José da Silva), Peter Stilwell (Cinatti, em modo biográfico), Rui Ramos (Oliveira Martins, Antero), Rita Patrício (Vitorino Nemésio, a que talvez falhe o Nemésio das biografias), Rosa Maria Martelo (em Luiza Neto Jorge). A outros integráveis neste terceiro perfil, ora faltaram mais páginas do que as cerca de oito atribuídas ora o artigo se ressentia da contiguidade com ensaios ancorados em menos ideias mais perspicazes ou em redação incisiva e irónica. E os ensaios com trechos em que não se escondem pontos frágeis do escritor, ou em que se caldearam os pontos fortes com igualmente alguns defeitos, resultam melhor do que os sobretudo panegíricos (o que, por exemplo, prejudica o no entanto competente Herberto de Rosa Maria Martelo).

Os artigos que não tratam de um só escritor parecem quase prescindíveis, à exceção dos que remetem para fatias cronológicas (Lírica medieval, por João Dionísio; Renascimento, por João Figueiredo; Barroco, por Hélio Alves; Orpheu e presença, por António Feijó). O artigo sobre memorialismo (Rui Ramos) podia

figurar como ensaio sobre o Marquês de Fronteira (o essencial sobre as *Memórias* de Raul Brandão já estava intuído no artigo “Raul Brandão”; o resto, em modo de verbete, destoa do volume); o sobre críticos (Miguel Tamen) apareceria com título personalizado (João Gaspar Simões e Eduardo Prado Coelho); o dos poetas laureados (também de Tamen) caberia em “João de Deus” ou num artigo sob “Sophia”, já que ainda vive Manuel Alegre; o artigo “Portugal” diluir-se-ia em qualquer outro de Tamen. Dois dos quatro artigos “Cânone” (o de Feijó e o de Tamen) surgiriam como os interessantes prefácio e posfácio que são realmente; os outros dois, sobre escritoras (Klobucka) e escritores homossexuais (Figueiredo), corresponderiam a reflexão prévia ao plano do volume, quando se avaliasse não se justificar representação *ad hoc* daqueles grupos, dispensando-se o critério político em matérias de literatura. Quanto ao artigo sobre prémios (João Pedro George), funciona como útil introdução ao tema, a que faltará terem-se explicitado os cancelados por essa outra via canonizante.

Que a lista de escritores não é o principal se retira também de o elenco sofrer o viés que significa o tratamento múltiplo. Camões e Pessoa são objeto de dois ensaios cada um (por João Figueiredo e por Hélio Alves; por António Feijó e por Nuno Amado), mas Camões acaba por ser bastante tratado ainda em outros artigos (numa meia dúzia) e Pessoa é omnipresente (não menos de quinze cruzamentos com outros); Eça está em “Eça de Queirós” (Tamen) e nos dois artigos de Abel Barros Baptista (Júlio Dinis, Camilo); outros vão surgindo com certa recorrência: Cesário Verde, Régio, Herberto Helder, e, apesar de não lhe ser dedicado ensaio, Sophia Andresen. Também há escritores que mal comparecem no artigo que os traz no título (José Rodrigues Miguéis, por Pierre de Roo). Miguel Torga está esquecido na cronologia (527), mas é objeto de ensaio no miolo, gralha que nos lembra que há vinte anos, na ocasião de uma iniciativa com alguns aspetos em comum, o *Século de Ouro*,⁴ foi muito discutido o esquecimento de Torga, como o de Alegre, ausência menos chorada agora. Desta vez, segundo se percebe das recensões e notícias, as exclusões polémicas foram Sophia, José Cardoso Pires, Eugénio de Andrade, Nuno Bragança – por estar Ruben A. – e Vergílio Ferreira.

Só três notas. A edição de que Hélio Alves diz ter tido notícia e não ter podido encontrar (“Barroco”, 128, rodapé) será a publicação da dissertação de doutoramento, de 1999, de Manuel dos Santos Rodrigues.⁵ Ao eleger *Viagens na Minha Terra* como tema central do artigo “Almeida Garrett”, Viktor Mendes assume serem as *Viagens* o contributo relevante de Garrett para o cânone, entendido como repertório estável de obras estudadas nas escolas (73); porém, segundo esse critério,

deveríamos atentar sobretudo no *Frei Luís de Sousa*, a única obra de leitura integral obrigatória em todo o secundário atual (de Eça, Saramago, Gil Vicente, as escolas podem escolher um de dois títulos; quanto às *Viagens* não são para leitura na íntegra, selecionam-se cinco capítulos, e figuram como opção, rivalizando com *Amor de Perdição* e “A Abóbada”). Pelo menos no caso de Irene Lisboa, não se justifica a assunção, aceite por Cláudia Pazos Alonso (284), de que as escritoras teriam sido prejudicadas quanto a presença nas antologias escolares – no período de 1954-79, três textos de Irene Lisboa ocupam o top dos escolhidos por manuais do 3.º ano do liceu.⁶

O *Cânone* teve resultados, até um enfeitado nos planos iniciais. Numa das sessões de apresentação, asseverava Miguel Tamen que “evidentemente, este livro não vai sair em exame nenhum”. Entretanto, nem foi preciso um ano para *O Cânone* chegar aos exames nacionais. A prova de Português do ano passado (2021, 1.ª fase)⁷ reproduzia o texto do ensaio “Almada Negreiros”, de Fernando Cabral Martins (67-68), sobre que versava todo o grupo II, enquanto que a parte C do grupo I da prova da 2.ª fase,⁸ sobre “a dor humana” em “O Sentimento dum Ocidental”, terá sido inspirada pelo final do ensaio de Gustavo Rubim sobre Cesário (209).

NOTAS

1. Feijó, António M., e Miguel Tamen. 2017. *A Universidade como Deve Ser*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

2. Ver: Tamen, Miguel. 2021. *Erro Extremo, Ensaios do Observador (2014-2016)*. Lisboa: Tinta-da-China; e Tamen, Miguel. 2021. *Erro Extremo II. Ensaios do Observador (2016-2017)*. Lisboa: Tinta-da-China.

3. As que li: Diogo Vaz Pinto. “O *Cânone*. Travessuras e Partidas entre Freiras.” *Nascer do Sol*, 24/10/2020; João Oliveira Duarte. “Literatura. O Deslumbramento do *Cânone*.” *Jornal i*, 28/10/2020, <https://ionline.sapo.pt/>; Diogo Ramada Curto. “O Retrocesso do *Cânone*.” *E – A Revista do Expresso*, 7-11-2020; Luís Miguel Queirós. “Um *Cânone* que Resgata Autores Soterrados pelo Gosto Dominante” (entrevista) e “Um *Cânone* para Abalar o *Cânone*.” *Ípsilon* (suplemento de *Público*), 20/11/2020; Teresa Carvalho. “O *Cânone*, a Tia e o Cardeal Diabo.” *Jornal i*, 23/11/2020; recensão (parte I) por João N. S. Almeida, *Os Fazedores de Letras. Revista dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 88, 22/6/2021, <https://osfazedoresdeletras.com/>; recensão por António Cândido Franco, *A Ideia. Revista de Cultura Libertária XXIV*, outono de 2021, <https://aideiablog.wordpress.com/>; João Dionísio. “Sobre o *Cânone* da Literatura Medieval Portuguesa.” *Forma de Vida* 22, setembro de 2021, <https://formadevida.org/>. As apresentações, moderadas por Ricardo Araújo Pereira, a 14, no Jardim Botânico Tropical de Lisboa, e por Pedro Sobrado, a 15/10/2020, na Casa de São

Roque, no Porto, estão no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=Zi-6XVzEyDk>; <https://www.youtube.com/watch?v=IEfUR5Ubgco>.

4. Silvestre, Osvaldo Manuel, e Pedro Serra, orgs. 2002. *Século de Ouro, Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*. Braga-Coimbra/Lisboa: Angelus Novus/Cotovia.

5. Quevedo, Vasco Mouzinho de. 2013. *Afonso Africano: Poema Heróico da Presa de Argila e Tânger*, estudo histórico-literário, edição crítica e dicionário por Manuel dos Santos Rodrigues; apresentação de José António Segurado e Campos. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.

6. Ver: Tavares, Maria Andresen de Sousa. 1987. *A Antologia Escolar no Ensino do Português*, tese de mestrado. 309-II. Braga: Universidade do Minho.

7. https://iave.pt/wp-content/uploads/2021/07/EX-Port639-F1-2021-V1_net.pdf.

8. https://iave.pt/wp-content/uploads/2021/09/EX-Port639-F2-2021-V1_net.pdf.

LUÍS PRISTA é Professor na Escola Secundária José Gomes Ferreira (Benfica). Integra a Equipa Pessoa. Ensinou História da Língua Portuguesa e Didática do Português, na FLUL e na FCSH-UNL.